
[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

Elio Gaspari

O professor acha que pena de morte é pouco

Renato Janine quer prisões "sofridas". Por enquanto, esse nicho do mercado está com as gangues de presídios

NUM ARTIGO RECENTE, tratando do assassinato do menino João Hélio, o doutor Renato Janine Ribeiro, professor titular de ética da USP, escreveu o seguinte: "Se não defendo a pena de morte contra os assassinos, é apenas porque acho que é pouco. (...) Todo o discurso que conheço, e que em larga medida sustento, sobre o Estado não dever se igualar ao criminoso, não dever matar pessoas, não dever impor sentenças cruéis nem tortura -tudo isso entra em xeque, para mim, diante do dado bruto que é o assassinato impiedoso. Torço para que, na cadeia, os assassinos recebam sua paga; torço para que a recebam de modo demorado e sofrido."

Janine é diretor de avaliação da Capes, entidade encarregada de julgar a qualidade acadêmica das universidades brasileiras.

O professor não defende a pena de morte, mas entende sua lógica. No ano passado, uma pesquisa do Datafolha mostrou que 51% dos brasileiros desejam uma lei que permita a execução de bandidos. A Corte Suprema dos Estados Unidos restabeleceu-a em 1976. Admitindo-se que essa penalidade existisse no Brasil e fosse administrada de acordo com os critérios da Justiça americana, é possível que só o motorista do carro que arrastou João Hélio arriscaria perder a vida. O bandido de 16 anos, por menor, estaria expressamente a salvo da pena capital. Toda vez que se organiza uma mesa-redonda para discutir o sistema penal brasileiro sem a presença de um defensor da pena de morte exerce-se um piedoso patrulhamento que mutila o debate e mascara as execuções feitas por policiais e milicianos.

A ética de Janine é assustadora quando ele diz que no caso dos quatro bandidos a pena de morte "é pouco", pois torce para que os bandidos paguem, na cadeia, "de modo demorado e sofrido".

Falta definir "sofrido", mas não falta conhecer como se sofre nas cadeias brasileiras, comandadas por quadrilhas de bandidos. Cada pessoa disposta a desejar que um delinqüente seja submetido aos sofrimentos estipulados pela "Lei da Massa", ou "do Cão" pode escolher uma pena cumulativa, com base na vida real. A escolha é livre.

"E eles batiam no senhor? (...) E esculacharam? Estupraram o senhor?" "Fizeram tudo. Me esculacharam, tiraram minha roupa todinha. Fizeram besteira comigo. (...) Tem um mês que estão me esculachando, e tudo." (Diálogo extraído do trabalho "Oficina do Diabo", do sociólogo Edmundo Campos Coelho.)

Admita-se que o estupro sistemático de presos faça parte do mundo das penitenciárias. Há também a chantagem contra irmãs, mulheres e mães que vão visitar os cárceres. Em alguns casos, cobra-se dinheiro ou serviços para a quadrilha. Em outros, sexo.

Preso sem dinheiro é obrigado a trabalhar para os outros e a assumir a responsabilidade por crimes alheios. Vira "robô". Em alguns casos, mata por encomenda. Há casos de "robôs" com mais de dez homicídios dentro da prisão.

Nas penitenciárias controladas pelos comandos, vigoram os códigos das quadrilhas, movidos a dinheiro. Mesmo que os assassinos de João Hélio fossem retalhados vivos, a torcida haveria de se decepcionar. Qualquer que fosse a paga demorada e sofrida, ela nada teria a ver com a indignação dos homens de bem. Seria apenas um gesto destinado a intimidar bandidos que tumultuam os negócios das quadrilhas e do tráfico. Seria uma iniciativa destinada a fortalecer a bandidagem, enfraquecendo a lei.

Janine colocou "em xeque" a idéia de que o Estado não deve torturar o criminoso, mas não propôs a entrega de bandidos à Lei do Cão. Fica uma dificuldade: só ela inclui a tortura na sua lista de penas. Pelo Código Penal, tortura é crime inafiançável.

Nosso Guia acha que os defensores da redução da maioria penal acabarão perseguindo fetos. Blabláblá. O inferno não está nos outros, mas no seu governo, no qual um hierarca do ministério da Educação acha que a "pena de morte é pouco".

Serviço: O artigo de Janine está nos seguintes sítios: Na Folha (para assinantes), no caderno Mais! do dia 18. No

Humanitas Unisinos, uma busca em "Janine" traz o artigo,
com data do dia 19.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2502200718.htm>